

# *Itamar volta a criticar FH: 'Quem manda é o povo'*

## Governador recebe apoio de 80 prefeitos e adverte para risco de caos social

• BELO HORIZONTE. Num rápido discurso no fim da tarde, o governador de Minas, Itamar Franco (PMDB), voltou ontem a atacar o Governo Fernando Henrique e sua política econômica. Segundo Itamar, o anúncio da moratória feito por ele na semana passada não significa que o estado deixará de pagar seus débitos com a União:

— Estamos dizendo ao presidente e à equipe econômica que, se pagarmos ao Governo federal agora, estaremos implantando o caos social em Minas, e isto nós não queremos — afirmou.

Ele acusou Fernando Henrique de não ter feito as reformas tributária e fiscal, anunciadas em 1995, preferindo se concentrar na própria reeleição. Itamar disse que não basta o presidente dizer que é ele quem manda no país.

— Quem manda no país é o povo brasileiro — emendou, recebendo os aplausos mais entusiasmados.

Itamar disse ainda que as atuais taxas de juros estão levando o setor produtivo à deteriorização e os trabalhadores ao desemprego. Voltou a dizer que não vai privatizar a Cemig nem a Copasa. Por fim, ressaltou que "mesmo que o

presidente se recuse a ouvir a voz de Minas, continuará dizendo: 'Nós não podemos concordar com essa política econômica'."

Itamar fez o discurso para cerca de 300 pessoas, entre eles 80 prefeitos mineiros que foram dar apoio à moratória, assim como o senador Roberto Freire (PPS-PE) e o presidente nacional do PT, José Dirceu.

O movimento de prefeitos foi denominado "Nova Inconfidência" pelos organizadores. Eles chegaram ao Palácio da Liberdade de ônibus, numa caravana desde Contagem, na região metropolitana, reduto político do vice-governador Newton Cardoso.

Logo no início do pronunciamento, em frente ao Palácio, o governador amenizou o tom da manifestação dos prefeitos, afirmando que Minas não deseja a ruptura democrática com o país. Mas foi duro novamente nas críticas a Fernando Henrique. Ele praticamente repetiu o discurso feito durante o encontro com líderes do funcionalismo público na semana passada, afirmando que o país precisa de um pacto mais fraterno e humano.